



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

- Área: Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas
- Tema/modalidade de pesquisa: Outra
- Trabalho a ser apresentado de acordo com:
Área: Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas

VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS ENTRE PARES EM UM SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS

Liliana Scatena¹

Diene Monique Carlos²

Maria das Graças Carvalho Ferriani³

¹*Departamento de Psicologia; Universidade de Franca, Franca, SP, Brasil.*

²*Departamento de Enfermagem; Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.*

³*Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública; Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.*

Emails: liliana_scatena@hotmail.com; diene_enf@hotmail.com; caroline@eerp.usp.br

Resumo

Introdução: Os adolescentes têm apresentado comportamentos tais como agressividade, dificuldades de socialização, depressão, distúrbios de aprendizagem, déficit de atenção e concentração, irritabilidade, além de conflitos familiares e escolares. **Objetivos:** Conhecer e analisar as representações sociais na perspectiva sócio-antropológica dos adolescentes em relação à violência entre pares. **Metodologia:** Participaram oito adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos, de ambos os sexos, acompanhados por um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e observações livres, sendo analisados pelo método de Interpretação dos Sentidos. **Resultados:** Emergiram dessa análise duas categorias empíricas: “Fazer coisa ruim” e “Gosto de vir aqui”. **Discussão:** As falas denunciam que a violência seria fruto de comportamentos como bater, matar e xingar. Com relação ao atendimento oferecido pelo serviço da Assistência Social, demonstraram satisfação. **Conclusão:** Os sujeitos pesquisados reproduzem representações sociais sem pensamento crítico da realidade, o que pode alimentar o ciclo da violência.

Palavras-chave: Violência. Adolescente. Assistência social. Pesquisa qualitativa.

Abstract

Introduction: Adolescents have presented behaviors such as aggressiveness, socialization difficulties, depression, learning disorders, attention and concentration difficult, irritability, besides family and school conflicts. **Objectives:** To know and analyze the social representations in the socio-anthropological perspective of the adolescents in relation to the violence between peers. **Methodology:** Eight adolescents between 10 and 14 years old, females and males, were accompanied by a Coexistence and Strengthening of Bonds Service. Data were collected through semi-structured interviews and free observations, and analyzed using the Meanings Interpretation Method. **Results:** Two empirical categories emerged from this analysis: "Do something bad" and "I enjoy to come here". **Discussion:** The statements denounce that violence would be the result of behaviors such as beating, killing and swearing. Related to the assistance offered by the Welfare service, they demonstrated satisfaction. **Conclusion:** The participants reproduce social representations without contextual critical thinking, which can feed the cycle of violence.

Keywords: Violence. Adolescent. Social assistance. Qualitative research.

Introdução

Profissionais que atuam na prática da área da saúde, da escola e da assistência social têm observado que alguns adolescentes não apresentam um desenvolvimento adequado à sua faixa etária, o que pode ser evidenciado por meio de sintomas como agressividade, delinquência, dificuldades de socialização, depressão, distúrbios de aprendizagem, déficit de atenção e concentração, irritabilidade, além de conflitos familiares e escolares. Por outro lado, a violência contra crianças e adolescentes tem aumentado nas últimas décadas no Brasil (Brasil, 2013).

O Sistema Único de Saúde recebeu o mandato específico do Estatuto da Criança e do Adolescente para promover o direito à vida e à saúde de crianças e adolescentes, mediante a atenção integral à saúde, que pressupõe o acesso universal e igualitário aos serviços nos três níveis da atenção. Essa tarefa exige o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, a prevenção de doenças e agravos, a atenção humanizada e o trabalho em rede (Brasil, 2010a). Os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) visam o atendimento preventivo, com apoio psicossocial, oferecendo às crianças e adolescentes atividades diárias e complementares à escola, nas seguintes áreas: esporte, cultura, lazer, cidadania e saúde. O presente estudo trata de adolescentes que frequentam a escola pública e o SCFV em contraturno escolar, em um município do Estado de São Paulo, cujas famílias se encontram em vulnerabilidade social, decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos) e/ou fragilização de vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento social.

Diante do exposto, reconhece-se a necessidade de abordar o tema a partir de seus múltiplos determinantes – socioculturais e antropológicos – a qual originou a questão norteadora do presente estudo: “Quais são as representações sociais dos adolescentes sobre violência?”. Para abarcar o objeto de estudo, esta investigação fundamentou-se no referencial teórico da representação social na perspectiva socioantropológica de Pierre Bourdieu, utilizando conceitos como *habitus*, capital cultural, capital social e econômico de Bourdieu e Passeron (1968) e de outros autores que trabalham na perspectiva da representação social que mais adiante serão aprofundados (Jodelet, 2001; Minayo, 2010). Os objetivos foram conhecer e analisar as representações sociais na perspectiva socioantropológica de Bourdieu, das

violências vivenciadas por adolescentes entre seus pares.

Métodos

O delineamento da investigação ocorreu por meio de uma abordagem qualitativa, tratando-se de estudo estratégico que permitiu compreender a realidade e inseri-la nos objetivos propostos (Minayo, 2010). A proposta do referido estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa local, nº CAAE: 23978613.2.0000.5393.

O campo de estudo foi um dos maiores municípios do interior do estado de São Paulo, Brasil, em número de habitantes e extensão territorial, segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011). O SCFV pesquisado era um dos vários existentes no município. O trabalho era desenvolvido pela Secretaria da Assistência Social através de 14 equipamentos localizados em áreas periféricas pobres da cidade, facilitando o acesso e frequência dos adolescentes às atividades de orientação social e grupal.

O SCFV estudado era um serviço público governamental, criado em 1992 junto à Secretaria Municipal da Assistência Social, e encontrava-se em conformidade com o Sistema Único de Assistência Social, a Política Nacional de Assistência Social e a Lei Orgânica de Assistência Social (Lei nº 8.724/93). Para entender a população estudada, buscou-se compreender o trabalho dos SCFV para onde foram direcionados as crianças e adolescentes provenientes das famílias avaliadas com alguma vulnerabilidade. Os SCFV eram ligados ao Departamento de Proteção Social Básica da Secretaria de Assistência Social (BRASIL, 2010b). Cabia ao SCFV completar as ações familiares e da comunidade, estimular a participação dos adolescentes na vida social e pública para que assim pudessem compreender melhor a realidade na qual estavam inseridos e o mundo contemporâneo, além de assegurar que o espaço oferecido fosse referência para o convívio em grupo.

Os limites cronológicos da adolescência definidos pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 1989) são 10 e 19 anos, mas o SCFV atendia adolescentes até os 17 anos, que foi a idade limite estabelecida pela pesquisa. Em 2014, aproximadamente cinquenta adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos frequentavam as atividades programadas pela instituição, distribuídas entre o período da manhã e da tarde. Dentre eles, oito (três meninos e cinco meninas, com idades entre 10 e 14 anos) participaram deste estudo por terem sido autorizados pelos responsáveis legais, através do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido. Os adolescentes entrevistados receberam nomes fictícios para não serem identificados, e se encontravam com seus direitos violados por violência física, psicológica, sexual e negligência, ou se encontravam em situação de risco biopsicossocial - dificuldade de acesso à escola e aos serviços de saúde; uso e abuso de drogas; más condições de moradia; pobreza; comprometimento da estrutura familiar; inserção precoce no mercado de trabalho e sua exploração; exclusão social e barreira cultural; sofrimento e adoecimento psíquico; sentimentos conflituosos e instabilidade emocional decorrentes da fase de desenvolvimento.

Este estudo utilizou como instrumento para a construção dos dados as entrevistas semiestruturadas e a observação livre (Minayo, 2010). As entrevistas que fizeram parte da construção de dados foram realizadas entre os meses de julho e agosto de 2014, com agendamento prévio, nas dependências da instituição, em uma sala, de forma a garantir a privacidade do entrevistado. Cada entrevista durou em torno de vinte minutos. As questões norteadoras permitiram a comparação de respostas, além de reduzir a interferência da entrevistadora e facilitar a organização e análise dos dados. As questões contidas no roteiro foram previamente elaboradas, enquanto que outras foram desenvolvidas ao longo da entrevista, de acordo com a necessidade. Para os adolescentes foi questionado: 1) O que você pensa sobre a violência? 2) Você já sofreu violência dentro de casa (pela sua família) ou no SCFV (pelos seus colegas)? 3) Como você resolve esses conflitos? A quem pede ajuda? 4) Como é para você pertencer ao SCFV? 5) Como frequentar esse espaço tem lhe ajudado? 6) O que você acha que está faltando no atendimento que recebe no SCFV?

Para a análise dos dados, adotou-se o método de interpretação dos sentidos, conforme Gomes (2007), por meio da aproximação ao diálogo entre a concepção hermenêutica e dialética, tendo como foco o fenômeno cultural. Dentro dessa perspectiva, destacamos duas concepções que facilitam a fundamentação deste método. A primeira delas se refere à teoria de Geertz (1989) e a segunda diz respeito ao diálogo entre as concepções hermenêutica e dialética. Para Geertz (1989), com base em Max Weber, “*o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*” (1989, p.15). Essas teias ou estruturas de significados, segundo ele, são socialmente estabelecidas. De acordo com Gomes et al. (2007):

(...) a cultura são essas intrincadas teias e sua interpretação pelos que vivem e ao mesmo tempo produzem estruturas de significados socialmente estabelecidos. A interpretação seria, portanto, a compreensão dessas

estruturas, dentro de uma base social.

A proposta de interpretação de dados de pesquisa qualitativa, de acordo com o Método de Interpretação de Sentidos, trata-se de uma *“perspectiva das correntes compreensivas das ciências sociais que analisa: palavras, ações, conjunto de inter-relações, grupos, instituições, conjunturas, dentre outros corpos analíticos”* (Gomes et al, 2005, p.202) Portanto, alguns passos foram seguidos durante a realização da pesquisa: 1) busca pela lógica interna dos fatos, ou seja, a semelhança nos discursos dos sujeitos: o sentido da violência; 2) posicionar/situar os fatos, o que daquilo estava representado pelo fato histórico daquele dado momento; 3) produzir um relato sobre os fatos no qual seus próprios autores se reconhecessem, que consistia em compreender as representações sociais sobre atos violentos, sofridos ou praticados pelos adolescentes entre seus pares e o atendimento prestado no SCFV. Finalmente, para que essa proposta interpretativa fosse alcançada, foi necessária a leitura compreensiva do material selecionado para a pesquisa, a exploração densa desse material e, por último, uma síntese interpretativa de tudo o que foi elaborado no decorrer da pesquisa (Gomes, 2007).

Resultados e Discussão

Caracterização dos participantes e das atividades desenvolvidas no SCFV

Foram entrevistados oito adolescentes, três meninos e cinco meninas, com idades entre 10 e 14 anos, que estudavam em escola pública e frequentavam o SCFV em outro turno escolar. Todos os entrevistados pertenciam a camadas populares em que o pai ou a mãe eram trabalhadores urbanos e/ou trabalhadores braçais com nível escolar baixo, sendo que a maioria havia estudado somente até o ensino médio e alguns haviam cursado apenas ensino fundamental completo ou incompleto. As famílias de quatro dos oito adolescentes pesquisados eram beneficiadas pelo programa de transferência de renda Bolsa Família, enquanto que as famílias dos outros quatro adolescentes não recebiam tal benefício. A renda familiar variou entre setecentos e três mil reais.

No que se refere à ampliação do capital cultural no interior do SCFV, verificou-se que a instituição oferecia atividades culturais diversificadas através de convênios de empresas com a prefeitura do município onde a pesquisa foi realizada, tais como os cursos de judô,

percussão, tênis e dança direcionados a todas as faixas etárias de crianças e adolescentes usuários do serviço.

A discussão deste estudo abrange a possibilidade de que o rendimento e o êxito escolar dependem do capital cultural e econômico investido pela família, e que o rendimento social e econômico desse investimento está associado à herança social e ao capital simbólico disponível para o indivíduo. Os adolescentes provenientes de ambientes culturalmente privilegiados tendem a vislumbrar na escola uma espécie de continuação da educação que receberam em casa. Já para os demais, ou seja, para os adolescentes oriundos de meios desfavorecidos em termos de cultura (os não detentores da cultura legítima, da norma culta), a escola seria sinônimo de algo estranho e conflituoso (MARTINEZ, 2009).

Após a análise do sentido dos discursos dos adolescentes, foram elaboradas duas categorias empíricas: “Fazer coisa ruim” e “Gosto de vir aqui”.

Primeira categoria empírica: “Fazer coisa ruim”

Isis, de onze anos de idade, frequentava o SCFV há seis anos. Ela foi um dos poucos participantes entrevistados que respondeu ter presenciado a violência no SCFV: “Tem na escola e no ‘núcleo’ (SCFV) também eu acho que tem”. Ela relatou um episódio em que sofreu violência na escola: “Tinha uma menina que sempre mexia comigo e eu não gostava” e tentou ainda fazer uma diferenciação: “Na verdade não era *bullying*, era uma provocação”.

As pesquisadoras perguntaram aos adolescentes o que pensavam sobre a violência, se haviam sofrido violência dentro de casa (pela família), no SCFV ou escola (pelos seus colegas), como resolviam esses conflitos e a quem pediam ajuda. Sobre a definição de violência, foram obtidas respostas tais como as de Leandra, com treze anos de idade, que frequentava o SCFV há alguns meses no momento da entrevista: “É xingar, gritar um com o outro, às vezes brigar”. Assim como Leandra, a maioria dos adolescentes relataram não ter sofrido violência em casa, no SCFV ou na escola. Leandra complementou que: “Às vezes parece que não tá xingando, mas tá xingando mesmo, tá querendo brigar”, mas depois reconheceu em outro momento da entrevista: “Lá na escola tinha sempre briga, aqui eu não brigo com ninguém (...); na escola tem muita (briga) porque na hora que joga na quadra, às vezes esbarra em outra pessoa sem querer”. Ela ainda relatou os momentos em que ocorreram a violência entre os colegas: “No recreio, na sala de aula, na educação física” e justificou a diferença entre as

brigas na escola e na instituição: “É diferente porque no ‘núcleo’ (SCFV) tem menos crianças e na escola tem muito mais. É diferente o tipo de violência”.

Yago, com treze anos de idade, frequentava o SCFV há seis anos no momento da entrevista. Ele relatou não ter sofrido violência na família, na escola ou entre colegas, e a definiu como: “Violência é matar as pessoas, fazer coisa ruim, roubar”. Todos os adolescentes refeririam ter sido encaminhados ao SCFV pelos pais.

Diante do discurso dos adolescentes entrevistados, retoma-se o conceito de Minayo (2010) sobre a Violência Estrutural: forma de violência que por ter um caráter de perenidade e se apresentar sem a intervenção dos indivíduos, aparece ‘naturalizada’ como se não houvesse nela a ação de indivíduos. É uma forma de violência que se sustenta nas desigualdades sociais, estando relacionada às situações de miséria e pobreza, característica das sociedades marcadas pela dominação de classes e por enormes desigualdades na distribuição de renda.

O comportamento agressivo dos adolescentes entre seus pares deve ser analisado a partir de aspectos de ordem pessoal, psicossocial, familiar, sociocultural e escolar. Esse comportamento nem sempre é constante, e pode constituir uma resposta específica a uma situação concreta, como exemplo, uma reação agressiva de uma vítima de discriminação racial, étnica, sexual ou social (Amado; Freire, 2009). É importante ressaltar que a família é um princípio de construção da realidade social e, ao mesmo tempo, socialmente construída e que pode influenciar a visão de mundo dos integrantes do grupo familiar. Assim, a família como categoria social objetiva (estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é à base de representações e ações (casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Este é o ciclo de reprodução da ordem social (Bourdieu, 1997).

Diante das observações a respeito das famílias as quais os adolescentes pesquisados pertenciam notou-se que, na maioria delas, o ideal de família não correspondia ao real, pois aquele modelo nuclear, estruturado em laços de consanguinidade (pai, mãe e filhos), não existia mais, sendo famílias reconstituídas ou monoparentais, por exemplo. Dos oito adolescentes entrevistados, apenas dois viviam com ambos os pais, que permaneciam em relação marital.

Do mesmo modo que ao responderem que não sofriam violência intrafamiliar ou que não sofriam ou praticavam violência no SCFV, outras respostas dos adolescentes também

negavam a realidade vivida. Para além do momento da entrevista, em todo o período de observação livre durante as atividades realizadas no SCFV, foram notórias as dificuldades a respeito da violência que os adolescentes tinham dentro de casa, as dificuldades de convivência e constantes brigas com colegas no espaço da instituição. O que os adolescentes compreendiam como violência estava diretamente relacionado às suas dinâmicas familiares, pois viviam em ambientes violentos onde uma simples agressão verbal fazia parte do cotidiano e tornava-se banalizada.

As desigualdades sociais, políticas e econômicas praticadas no Brasil influenciam diretamente a dinâmica familiar e, conseqüentemente, aumentam o número de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. Portanto, diante do conjunto imprevisível de informações aparentes que constituíram o discurso dos adolescentes sobre violência ao relativizarem e descreverem apenas como atos violentos os atos explícitos de matar, bater, fazer “coisa” ruim, e também da informação relatada por eles de que não haviam sofrido violência – apesar de se conhecer o histórico de violência desses adolescentes – este estudo buscou ir além do objetivo explícito da pesquisa, que era obter uma conceituação dos adolescentes sobre a temática da violência. As pesquisadoras tentaram explorar mais informações, além daquelas que os adolescentes relataram verbalmente nas entrevistas, durante o período de um ano em que foram desenvolvidas atividades de campo no SCFV. As observações contribuíram para a reflexão de como entender a banalização da violência e o seu círculo vicioso.

Cada adolescente entrevistado, provavelmente, incumbiu-se de criar sua própria forma de lidar com inúmeras situações de violência com que se deparava todos os dias. A partir desta observação, as pesquisadoras conceberam o conceito de *habitus* como um instrumento conceitual que as auxiliou a pensar na mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos indivíduos.

Segunda categoria empírica: “Gosto de vir aqui”

Quando os adolescentes foram questionados sobre como frequentar o espaço da instituição ajudava em suas vidas e como era para eles pertencerem ao SCFV, eles limitaram-se a dizer que era “legal” ou que “pelo menos não ficariam sozinhos em casa”. As meninas em geral gostavam de oficinas como as de dança e de bordado, enquanto que os meninos gostavam das atividades esportivas.

As pesquisadoras solicitaram aos adolescentes que sugerissem algo que pudesse melhorar o atendimento que recebiam no SCFV, e algo que poderia ser aprimorado no espaço da instituição. A maioria das respostas revelou a satisfação com o atendimento oferecido pela instituição e que “não precisava mudar nada”; por outro lado, Isis, com onze anos de idade, e outros adolescentes também reconheceram que a “educação” (comportamento dos colegas) precisava melhorar. Melina, com dez anos de idade, também emitiu sua opinião sobre o SCFV: “Muito legal aqui. Aqui não tem briga igual na escola. E é melhor do que ficar lá em casa sozinha”, e sobre as atividades realizadas no SCFV: “Gosto de fazer bordado e brincar”.

O discurso de Yago, com treze anos de idade, revelou uma preocupação com o futuro, com possíveis expectativas frente à vida e o que o SCFV poderia lhe oferecer: “Me ajuda a aprender as coisas, a ter a vida boa, me ajudar a arrumar um serviço”. Em relação às melhorias para a instituição, Yago disse: “Nada, aqui é legal assim mesmo. Eu faço o tênis, kung fu, tem aula de dança. Passeio quando eles dão”.

Embora o SCFV oferecesse o básico para os adolescentes, como alimentação, segurança e afeto advindo das educadoras sociais, acredita-se que a instituição poderia oferecer muito mais, pois as educadoras realizavam apenas a função de “tomar conta” deles no período oposto ao escolar enquanto os pais estavam trabalhando e não podiam cuidar deles. As atividades complementares, como aquelas descritas anteriormente, eram patrocinadas por empresas privadas que, em parceria com o poder público, contratavam profissionais terceirizados especializados, por exemplo educadores físicos, e eram sazonais, pois dependiam da aprovação de projetos.

Apesar das limitações, frequentar o SCFV oferecia aos adolescentes a sensação de ter oportunidade de trabalho no futuro ou adquirir conhecimento para uma carreira profissional. É provável que os adolescentes entrevistados não compreendessem, ou não tivessem condições de avaliar o nível de potencial formativo do SCFV, que na realidade dispunha de poucos recursos. Entretanto, deve-se reconhecer que o propósito central desse serviço de proteção, que era o fortalecimento de vínculos, era concretizado durante o período de realização da pesquisa.

As pesquisadoras observaram que, para evitar o sofrimento causado pela realidade de abandono em que viviam, os adolescentes nutriam o sentimento de esperança de que alguém os amasse, no caso os educadores sociais, e que esses profissionais da assistência social

poderiam modificar sua situação de vida. O SCFV provavelmente oportunizava aos adolescentes um espaço mais rico que o oferecido pelos seus pais, e proporcionava um adequado desenvolvimento aos usuários, oferecendo bons modelos de autoridade e comportamento moral, onde as educadoras resolviam os conflitos com diálogo. Tais achados corroboram estudo com adolescentes em acolhimento institucional, em que estes participantes referiram o vínculo e relações afetivas estabelecidas com os profissionais emergiram como apoio social (Carlos et al., 2014).

Em suma, esta pesquisa sobre as representações sociais dos adolescentes a respeito da violência sofrida e praticada abarca os elementos e as relações presentes em cada representação, dando conta da complexidade que envolve os termos do processo, isto é, a coisa representada, o sujeito que representa e o que a representação produz. O desvelamento desse conjunto complexo de elementos exigiu que fossem “destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder depreender os múltiplos processos que concorrem para sua elaboração e consolidação como sistema de pensamento que sustentam as práticas sociais” (Jodelet, 2001, p. 22).

Este estudo sobre as representações sociais dos adolescentes do SCFV a respeito da violência também evidenciou dois aspectos do *habitus*: sua condição de produto e de produtor. Como produto ou estrutura estruturada, o que eles entendem como violência estabelece a conexão entre exterioridade e interioridade, ou seja, entre as estruturas de um tipo particular de meio e o mundo subjetivo das individualidades. Como produtor ou estrutura estruturante, faz a ligação entre interioridade e exterioridade, sendo princípio gerador de práticas e de representações. Entretanto, a pesquisa científica não possui o papel de apenas identificar o problema, como deve também elaborar estratégias para o enfrentamento do problema, nesse caso o da violência sofrida e praticada entre adolescentes considerados em vulnerabilidade social.

Conclusão

Este estudo traz importantes observações para a compreensão dos processos constitutivos das representações sociais sobre as violências sofridas e praticadas entre pares sob a ótica de adolescentes frequentadores de um SCFV. A negação da realidade vivida e a tentativa de tornar invisível a concretude das violências sofridas e praticadas, colocam-se num universo

verbal que, mesmo obedecendo negatórias, denunciam complexas representações sociais pertinentes à constituição do pensamento social, levando ao entendimento de que a violência é fruto único de comportamentos como bater e matar. O despreparo dos segmentos estudados para identificação da violência e sua dinâmica corrobora com o ensejo de um comportamento banalizado acerca da questão pois, sem conhecer, pode se tornar mais vulnerável à medida que não interpreta as mensagens emitidas ao seu redor e não reconhece os atos violentos como uma demonstração de violência. Tais fatos, diante da dinâmica violenta do cotidiano, contribuem para a distorção dos valores éticos e morais que organizam a sociedade, levando os pesquisados a uma reprodução de representações sociais sem pensamento crítico da realidade, que pode alimentar o ciclo da violência. Em conjunto, os resultados deste estudo evocam a necessidade de articulação e ações em rede, entre as políticas públicas vigentes e os sistemas de garantias de direitos.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. S.; FREIRE, I. P. **A(s) indisciplina(s) na escola: compreender para prevenir.** Coimbra: Almedina, 2009.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. L'examen d'une illusion. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v. IX, p. 227-253, 1968. Número especial.
- BRASIL. Ministério da Justiça, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). **Estatuto da Criança e do Adolescente, 12 anos.** Edição Especial. Brasília: Ministério da Justiça, 2002.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Caderno de orientações metodológicas do serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças e adolescentes do programa de erradicação de trabalho infantil.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010b.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Constituição da República Federativa do Brasil. **Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas**

pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/1994. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA): 2009, 2010 e 2011.** Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2013. 164p.

CARLOS, D.M.; FERRIANI, M.G.C.; ESTEVES, M.R.; SILVA, L.M.P.; SCATEN, L. O apoio social sob a ótica de adolescentes vítimas de violência doméstica. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 4, p. 610-617, 2014.

FONSECA, F. F. et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico. Período: 2001-2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=354340 &search=saopaulo/ribeirao-preto>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

MARTINEZ, L. R. M. **Da violência velada à violência física: o habitus de alunos do ensino fundamental e a relação com a atividade física.** 2009. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101600>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2010.

RIBEIRO, J. P. et al. The protection of children and adolescents from violence: an analysis of public policies and their relationship with the health sector. **Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín, v. 31, n. 1, p. 133-141, 2013.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência.** Rio de Janeiro: CEBELA, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Consumer involvement in mental health and rehabilitation services.** Geneva: World Health Organization, 1989. Disponível em:



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

**Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede**

<<http://apps.who.int/iris/handle/10665/62368>>. Acesso em: 24 jun. 2016.